

Diferentes corpos se apresentam: fragmentos da história do futebol feminino no Brasil

Enny Vieira Moraes
Maria Odila Leite da Silva Dias

Resumo: Esse texto é parte integrante das reflexões desenvolvidas em nosso doutoramento, em processo na PUC de São Paulo¹, e tem como objetivo trazer alguns elementos e impressões iniciais sobre a história do futebol feminino no Brasil. É importante lembrar que vivemos num país que se desenvolveu, alicerçado fortemente por valores conservadores, consequência do pensamento patriarcal, imbricados em nossa cultura, gerando processos de exclusão a toda forma de ser e viver e que se diferenciam das normas cotidianas, reafirmando constantemente traços de “normalidade” referentes àquilo que deve ser um homem ou uma mulher. Valores estes que, entre outras coisas, contribuíram para silenciar a história de mulheres que, a partir de seus *diferentes corpos* construíram e vêm construindo a história do futebol feminino no Brasil. Entretanto, acreditamos que é mesmo diante de toda dinamicidade do cotidiano das vidas de inúmeros sujeitos sociais e, portanto, também desses *diferentes corpos* que estamos reescrevendo nossa história e auxiliando na transformação desses valores.

Palavras-chave: Mulher. Corpo. Futebol feminino.

Enny Vieira Moraes. Professora Assistente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, doutoranda no Curso de História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Maria Odila Leite da Silva Dias. Professora Doutora em História Social do Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientadora do presente trabalho.

Texto recebido:

¹ Nossa preocupação no início do doutoramento tratava inicialmente de esportes ditos masculinos praticados por mulheres; após discussões com orientação da Professora Dra Maria Odila Leite da Silva Dias, definimos centralizar na tese a história do futebol feminino no Brasil entre as décadas de 1970 a 1990.

Abstract: This paper results from some reflexions developed in my doctorate studies taken at PUC-São Paulo. It aims at bringing out some elements and initial thoughts about the history of female soccer in Brazil. It is important to remind that we live in a country which has been developing based on conservative principles. They emerge from a patriarchal thought, and are inserted in our culture, what generates all kinds of exclusion processes. They also can be seen as different in everyday life rules, and often reassure traces of “normal life” related to what should a man/woman be. These values have contributed to silence the history of some women that with their *different bodies* have constructed to the history of female soccer in Brazil. We then believe that the dynamic everyday life of a number of social subjects and their *different bodies* can help us to rewrite our history and modify those values.

Keywords: Woman. Body. Female soccer.

² A epígrafe acima integra a introdução do importante livro *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*, organizado pelas pesquisadoras Guarcira L. Louro, Jane Felipe e Silvana Goellner, que tem como objetivo identificar temáticas atuais relacionadas aos processos educativos, especialmente focalizados nas discussões de gênero e sexualidade. Sugerimos sua consulta: LOURO, Guarcira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vildre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 192 p. 8.

³ Optamos nesse trabalho por definir os corpos de mulheres, praticantes do futebol no Brasil, como *diferentes corpos*, pois, fundamentalmente, eles ex-

Eles (os discursos) nos dizem o que é um corpo educado, saudável, bonito, decente, moderno, “sarado”...

Eles nos falam, ao mesmo tempo, das “posições” que os sujeitos ocupam na sociedade.

Eles expressam e exercitam jogos de poder.²

Um pouco da história desses diferentes corpos

Como sugere a epígrafe acima, através dos discursos e da linguagem definimos e reafirmamos diferenças de várias naturezas, incluindo-se aí as corporais. Nossos corpos refletem idéias presentes em nossa cultura e, por esse motivo, somos valorizados, ou não, de acordo com nossas marcas corporais. Essas marcas, por sua vez, reforçam os discursos quando refletem, no espaço social, o local que cada sujeito ocupa: seja nas margens ou no centro de supostas perspectivas que sustentam padrões de normalidade e/ou de “anormalidade”. Entretanto, mesmo tendo normas que definem modelos de corpos e comportamentos, outros modelos se fazem presentes no corpo social, mesmo diferenciando-se e desafiando normas e padrões históricos e culturais que tentaram definir e valorizar o que deve ser um cor-

po feminino, ou masculino, e como esses deveriam se portar. Nesse trabalho, a intenção é tratarmos de corpos de mulheres que buscaram romper com esses padrões e, por esse motivo, foram negados pela história: enfocaremos, então, fragmentos da história do futebol feminino no Brasil e elementos que sustentam, até nossos dias — sua invisibilidade.

A invisibilidade histórica associada às mulheres praticantes do futebol no Brasil é um reflexo e consequência do preconceito presente ainda nas relações sociais direcionadas a esses *diferentes corpos*³, o que gerou como desdobramento processos de exclusão social impostos a essas mulheres. Tais discussões que, aqui servirão de base diretiva de nossas reflexões, precisam ser impulsionadas, objetivando gerar maior profundidade e visibilidade a essa realidade que está em transformação, auxiliando na tentativa de reconstruir a histórias de mulheres que ficaram num passado e, mesmo gerando conflitos e resistências, ajudaram a (re) construir nossa própria história que precisa se tornar mais plural e justa, como a própria história das mulheres.

Quando decidimos optar por contar um pouco da história desses *diferentes corpos*, tínhamos como elemento basilar reflexões sobre a Lei 3.1999 de 1941, que em seu Decreto 7º, proibia a prática de alguns esportes ditos masculinos, ou masculinizantes pelas mulheres, como apontam alguns autores/as⁴. Nosso questionamento se concentrava numa pergunta simples, mas que concomitantemente exigia uma resposta complexa: por que, até os dias de hoje, não há reconhecimento do futebol feminino, num país que considera como elemento de sua cultura essa modalidade esportiva? Em outras palavras: por que há tanta glória e fortuna ligada ao futebol masculino e tanto esquecimento e desmerecimento quando se trata dessa modalidade esportiva quando praticada por mulheres?

Essas questões já estavam presentes para nós desde o início do processo do doutorado, e foi se aprofundando com leituras posteriores que discutiam, essencialmente, aspectos sobre a invisibilidade imposta à história das mulheres⁵, o que iríamos constatar claramente no caso das mulheres do fute-

pressam histórias de corpos femininos que rompem com padrões de uma normalidade que busca na feminilidade e fragilidade sua marca definidora.

⁴ Alguns estudos, especialmente os que tratam da história da educação física brasileira mostraram, de modo polêmico, o surgimento da Lei 3.199/41, primeira lei que busca definir as normas de funcionamento do esporte brasileiro e que trás em sua proposta o impedimento legal da prática de esportes como o futebol, o polo aquático, as lutas e o halterofilismo, por serem considerados impróprios a natureza feminina. Sobre esse aspecto o trabalho das professoras Ludmila Mourão e Gabriela C. de Souza é bem elucidativo e explica fatos sobre o judô no Brasil: Narrativas sobre o Sul-Americano de judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil, In: Goellner & Jaeger (Org.). 2. ed. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. UFRGS, 2007, p. 57.

⁵ Michelle Perrot, importante feminista francesa, trás em algumas de suas obras, pistas importantes que nos ajudam a entender elementos que contribuíram para a invisibilidade da história das mulheres. Sugerimos portanto, para maiores aprofundamentos um de seus mais lidos livros: *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto 2007. 190 p.

bol brasileiro. Sobre esse aspecto, podemos tomar como exemplo o caso do Museu do Futebol de São Paulo⁶, local em que essa invisibilidade se torna clara ao não tratar, em nenhum momento, do registro de ex-jogadoras e jogadoras brasileiras da atualidade em seus arquivos.

Ou seja, embora tenhamos hoje duas das consideradas melhores jogadoras do mundo, premiadas, inclusive pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Amador), em nenhum momento suas histórias são lembradas e, muito menos, as histórias de suas antecessoras, já que o futebol feminino do Brasil participa, desde os anos de 1990 de competições internacionais. No caso do referido Museu, seus mentores e organizadores se propuseram a contar a história dessa modalidade esportiva em nosso país, o que se percebe em referência à história das mulheres é o mais absoluto silêncio, ou a presença de ausências numa história parcial, restringidas apenas às histórias dos homens, suas vitórias e derrotas, mas, principalmente, suas glórias, configurando-se num grave equívoco, visto que silencia outras histórias e memórias de mulheres que igualmente se dedicaram a construir a história do futebol no Brasil.

Registrar esse fato para nós é importante, pois denuncia a injustiça, a hipocrisia e a desvalorização social da mulher, traduzindo um conjunto de valores, como afirmamos anteriormente, fortemente embasados pelas ideias conservadoras de nossa sociedade. No caso das atletas do futebol e daquelas praticantes de qualquer esporte ainda considerado masculino (especialmente na mídia esportiva), prima-se pela necessidade em se apresentar essas mulheres, demonstrando certa “normalidade” sobre sua sexualidade. É sempre necessário enquadrá-las nos moldes da feminilidade, no sentido de justificar que, embora pratiquem o futebol, isso não compromete em nada sua sexualidade. Lembramos ainda que essa “normalidade” está associada a maternidade, além da sua “natural feminilidade”, como afirma Romero⁷:

A mídia pode parecer simplesmente reportar o que acon-

⁶ Recentemente publicamos na *Revista Record* uma resenha sobre o Museu do Futebol de São Paulo, intitulado: Uma história parcial do futebol; ou: não existe futebol feminino no Brasil? Disponível em: www.sport.ifcs.ufrj.br/record

⁷ Propomos a leitura desse trabalho, pois a autora faz uma crítica importante ao jornalismo esportivo que, até os dias de hoje, reforçam padrões de corpo e comportamento de homens e mulheres, priorizando a fragilidade como um atributo exclusivo das mulheres, enquanto a virilidade e o poder são associados a figura masculina, o que auxilia no reforço e na reprodução de papéis sociais e sexuais distintos, em que um sempre exerce poder e força sobre o outro: Elaine Romero. A Hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. *III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades – Fórum Internacional*, setembro de 2004. (sem paginação)

tece, mas na realidade constrói, por intermédio dos responsáveis pelas matérias, notícias permeadas por estruturas, valores e convenções. Ao dar cobertura significativamente maior à aparência física e ao comportamento feminino, freqüentemente comparando seu desempenho com os dos atletas do sexo masculino, a mídia constrói o esporte a partir da diferença entre gêneros e a hierarquia entre os sexos. Em outras palavras, a mulher pode ser uma atleta, mas, primariamente, é uma fêmea e, mesmo as melhores fêmeas nunca podem superar os melhores machos.

Por outro lado, observando estudos⁸ já realizados com mulheres e adolescentes, seja no futebol ou em outras modalidades esportivas consideradas pertencentes ao universo masculino, percebe-se a necessidade quase sempre presente que elas têm de se mostrarem ou serem vistas diante dos padrões (conservadores) de normalidade — aqui entendido como feminilidade. Essa afirmativa reflete a presença, quase onipotente, do medo de uma castração social imposta a todas aquelas que ousam subverter essa “normalidade” e escrever em seus corpos qualidades físicas como: agilidade, força, resistência e hipertrofia muscular.

No entanto, outros modelos de mulheres e seus *diferentes corpos* sempre estiveram presentes em nossa história, atuando em diversas atividades da vida cotidiana. Buscando retratar como viviam mulheres da classe popular, num Brasil do final do século XVIII, observamos o importante trabalho de Dias⁹, em que revela o trabalho dessas mulheres na construção de estradas, na construção civil, na lida com o transporte de gado, no sustento de seus lares e no controle de suas economias; trabalhavam, ainda, na distribuição de jornais e em várias outras atividades consideradas masculinas. Como aponta a historiadora, tratava-se da construção de um novo e diferenciado processo social:

A separação de esferas de atuação de homens e mulheres não corresponderia apenas às normas e convenções herdadas de Portugal, mas a uma realidade concreta de redistribuição de necessidades, com o processo de

⁸ Nesse sentido, indicamos observar as seguintes publicações: Jorge Dorfman Knijnik & Esdras Guerreiro Vasconcelos. *Com a cabeça na ponta da chuteira – ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003. E ainda: Mirian Adelman. *A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades – Fórum Internacional*, setembro de 2004. (sem paginação)

povoamento; as tarefas específicas de cada sexo, nas diferentes classes sociais do processo de colonização, não eram complementares e sim alternativas: procedia-se à substituição e à improvisação de atribuições de homens ausentes. As mulheres eram forçadas a desempenhar, na sua ausência temporária ou definitiva, muitos papéis “masculinos”, entre os quais, os que diziam respeito à administração dos bens, incluindo roças e propriedades de criação de gado...

Provavelmente pela ausência de homens, essas mulheres executavam atividades consideradas masculinas. Por esse motivo, mas também pelo fato de pertencerem a camadas mais pobres da população e por não serem brancas, ou serem brancas empobrecidas, somava-se um conjunto de elementos que contribuíam para sua exclusão social. Com isso, viviam na informalidade e criavam grupos familiares que fugiam ao padrão das classes abastadas. Por esses fatores, ficaram fora da história oficial, embora sua contribuição no desenvolvimento do nosso povo tenha sido inegável, como afirma a mesma autora¹⁰: “Papéis informais, por sua própria natureza, não são oficialmente reconhecidos nem socialmente muito valorizados, embora sejam importantes no processo concreto da vida cotidiana.”

Essas formas de exclusão tinham origens nas idéias e nos discursos oficiais que definiam o que era considerado, na época, um modelo de mulher: educada para o cuidado com a casa, com marido e filhos. Saber costurar, por exemplo, era tido como uma tarefa a ser desenvolvida pelas mulheres, já saber ler era uma atividade voltada aos homens.

No período histórico que se seguiu esses *diferentes corpos*, trataram de construir e reconstruir novas feminilidades em diversos espaços sociais, lugares de disputas constantes de poder entre os diferentes sexos. Na vida diária, eles se apresentaram, embora o reconhecimento oficial não tenha acompanhado tais mudanças, especialmente porque insistiam em impulsionar e desenvolver um sentido de “normalidade feminina”, baseado na fragilidade e subserviência ao poder masculino.

No entanto, as resistências aconteciam e o espor-

⁹ A relevância do estudo da historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias é bastante clara, pois serviu de referência para diversos outros estudos na área de gênero no Brasil. Assim, indicamos a leitura da obra: *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 56.

¹⁰ *Id.* p. 52.

te foi um desses espaços de luta experimentado por diversas mulheres que trataram de escrever, através de seus corpos, esse espaço igualmente de luta — suas identidades, sua histórias, essas outras histórias de corpos que subverteram um padrão de feminilidade, padrão esse absolutamente questionável hoje.

Pode a mulher praticar o futebol?¹¹

Goellner utilizou o subtítulo acima num trabalho em que buscava problematizar a relação da mulher com essa modalidade esportiva. Em sua argumentação, a autora parte das análises de Hollanda Loyola que, ao comentar sobre torneios de futebol feminino, já na década de 40 no Brasil, aponta para aspectos curiosos sobre essa prática. Loyola antecede, naquele período, questionamentos que vão nortear essa prática e que se fazem presentes até a atualidade, como: a fragilidade do corpo feminino que estaria ligada a saúde (reprodutora) da mulher e da violência presente no esporte, como apresenta em suas palavras:

Mais uma conquista de Eva... o futebol. Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios de nossa Capital iniciou a prática do futebol feminino entre nós (...). Tal acontecimento, pelo sabor da novidade provocou sensação e a imprensa esportiva explorou- a habilmente através de um noticiário minucioso e propaganda intensa, aumentando o entusiasmo do público e o élan das jogadoras¹²

Nesse interessante trabalho, sugere-se o pertencimento dessas jogadoras a uma determinada classe social, o que posteriormente se apresentará como uma das características da maioria das mulheres que se atreveram a ingressar nessa atividade. Outro aspecto que merece maiores aprofundamentos será aquele que buscará localizar o futebol feminino no imaginário de nossa população: o lugar da curiosidade, ou melhor, da ex-centricidade.

Sobre esse aspecto, o da curiosidade, que na rea-

¹¹ Essa pergunta é o tema de um artigo publicado pela professora Silvana Vilodre Goellner, que registra um dos primeiros jogos de futebol feminino no Brasil ocorrido em 1940 e que sugerimos para análise: Pode a mulher praticar o futebol? In: Carrano, Paulo César (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000, p. 79.

¹² *Op. cit. Revista Educação Physica*, n. 46, setembro de 1940.

lidade é gerador do questionamento inicial (pode a mulher praticar o futebol?), ele não se faz necessário quando essa mesma prática é associada aos homens. Na realidade, essa curiosidade será uma marca do futebol para mulheres, notadamente por se considerar seu corpo como elemento essencialmente frágil e nordeado por elementos como subserviência e docilidade — características, natural e culturalmente, associadas às mulheres.

Mildred Didriksen no dardo.
Foto: Acervo COI



Na realidade, um corpo feminino que se transforma com o tempo e se desenvolve moldando e expondo músculos hipertrofiados ou, mesmo delineados até hoje, ainda chama a atenção. Os discursos, pautados num ideal de feminilidade, reproduziram social e culturalmente um corpo de mulher que deveria se enquadrar no padrão da docilidade, fragilidade e, principalmente na atualidade, na magreza. Um corpo feminino que se distancia desse padrão é logo questionado, inclusive em sua sexualidade.

Vemos, imbricados nesse processo, importantes elementos para discussão, em que o preconceito em relação a esses *diferentes corpos* femininos advém principalmente dos seguintes fatores: pelo distanciamento de um padrão de normalidade ligado a feminilidade; por essas mulheres pertencerem, em sua maioria, a uma classe social considerada “inferior” e por ser o esporte um espaço de domínio ainda ligado ao universo masculino.

No entanto, a exclusão a esses *diferentes corpos* femininos não é exclusividade brasileira, pois no “mundo do esporte” são percebidas histórias de mulheres que sofreram as conseqüências por terem ousado serem diferentes. Fabiano Devide, em sua tese de doutoramento¹³, aponta o caso de algumas atletas banidas do esporte pelo fato de terem comportamentos “inadequados” para os padrões de seu tempo.

É o caso de Mildred “Bebe” Didriksen que, de acordo com o autor, desenvolveu uma forma de vida apenas associada aos homens daquela época, pois praticava diversos esportes, incluindo o futebol, futebol americano, remo, lutas e cavalgadas. Profissionalmente se consagrou no golfe, vencendo dezessete torneios seguidos, entre 1946 a 1947, sendo eleita cinco vezes a melhor atleta do ano pelos americanos. Só não gostava de brincar de bonecas e foi, inexplicavelmente, banida do esporte por participar de uma campanha de venda de automóveis¹⁴. O autor ainda aponta histórias referentes a duas outras atletas, igualmente banidas do esporte por seus corpos exuberantes e seu comportamento ligado mundo masculino: Suzanne Lenglen e Dawn Fraser.¹⁵

¹³ O trabalho de Devide é muito traz informações consistentes e bastante interessantes, portanto, sugerimos sua consulta: *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005, p. 102.

¹⁴ Devide, *Op.cit.*, p. 102.

¹⁵ Um pouco das histórias dessas duas atletas está presente na obra de Devide (Id), mas suas fotos podem ser vistas em alguns endereços eletrônicos como: http://search.gazetaesportiva.net/historia/seculo/natacao/nat_dawn.htm e <http://www.google.com.br/search?q=Dawn+Fraser+fotos&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a>



Dawn Freser

Futebol feminino no Brasil: e a questão da excentricidade como marca...

Retornando a idéia da ex-centricidade, na qual localizamos o futebol feminino, lembramos as considerações feitas por LOURO¹⁶, em seu texto sobre os atuais desafios impostos pela dinâmica social diante do contexto educacional. Nele a autora retrata a necessidade de revermos conceitos fixos e certezas diante de uma realidade mutante. Considera, ainda, que, especialmente a partir dos anos 1960, diversos grupos sociais, anteriormente submetidos e silenciados pela história, hoje se fazem ver e ouvir, impondo desafios, instabilidades e incertezas frente a padronizações e modelos convencionais baseados na figura do homem branco:

Uma outra política passava a acontecer, uma política que se fazia no plural, já que era — e é — protagonizada

¹⁶ *Id.*, p. 42

por vários grupos que se reconhecem e que se organizam, coletivamente, em torno e identidades culturais de gênero, de raça, de sexualidade.

Assim, aponta para a necessidade urgente de abordarmos e fundamentarmos nossas atuais análises rompendo com uma lógica que tinha como foco e centro a figura do homem branco, heterossexual e de classe média. Para LOURO¹⁷, portanto, é fundamental que uma nova perspectiva inclua grupos, anteriormente considerados ex-cêntricos, ou seja, fora do centro, situados à margem dos processos sociais:

Não há como negar que outro movimento político e teórico se pôs em ação, e nele as noções de centro, de margem e de fronteira passaram a ser questionadas. É preciso, no entanto, evitar o reducionismo teórico e político que apenas transforma as margens em um novo centro. O movimento não pode se limitar a inverter as posições, mas, em vez disso, supõe aproveitar o deslocamento para demonstrar o caráter construído do centro — e também das margens (p. 43).

A autora propõe uma nova leitura da realidade social considerando seus conflitos, suas resistências e os diversos atores sociais diante da dinamicidade cotidiana, portanto plural. Somente desse modo, e nós estamos de acordo com seu pensamento, poderemos ter uma dimensão maior sobre a construção dialética de nossa própria história e de nossa cultura.

Compreendemos, então, que somente a partir da perspectiva da ex-centricidade é que podemos identificar a história do futebol feminino no Brasil, como as histórias dos *diferentes corpos* de mulheres que a escreveram. Exatamente por destoarem de uma suposta normalidade, essas e outras histórias foram excluídas, esquecidas, exatamente por não comporem um foco ou centro de preocupações para que investigações fossem realizadas.

Outro aspecto precisa ser destacado é o que dá movimento e desloca do centro de análise do próprio centro, no momento em que esse centro dialo-

¹⁷ *Id.*, p. 43

ga com as margens e os elementos que as constituem. Compreendemos deste modo, que não basta investigar o que constitui as margens, mas também os elementos que continuam dando sustentação para que o centro permaneça nesse lugar e continue se relacionando com as margens, sugerindo uma reciprocidade e dinamicidade nessas relações, mas que mantém uma centralidade e uma ex-centralidade que socialmente se complementam.

Buscando dialogar com nosso objeto, lembramos de um texto escrito por Marcus Veras¹⁸ intitulado: “A primeira musa do futebol brasileiro: no rádio e na TV, Carmem Verônica fez suspirar torcedores de todos os times”. Nele, o comentarista descreve o sucesso de Carmem vencedora do programa Miss Campeonato de 1955, programa da antiga TV paulista e que fez tanto sucesso que se estendeu para outras cidades. Carmem Verônica, hoje atriz atuante da Rede Globo de televisão, quando consultada sobre o futebol feminino, afirma:

... aprova o futebol feminino, porque acha que as garotas resgatam o melhor de nosso futebol, e gostou da idéia de se fazer um programa chamado ‘Mister Campeonato’ para elas: ‘Bem, o bonitão só não pode ser gay, não é?’ dispara, entre gargalhadas.

Essa reportagem, logo em seu início trata de registrar a importância em se associar mulher bonita e futebol, como diz o autor: “... duas das maiores paixões dos brasileiros”. Compreende-se assim que a relação “natural” da mulher com o futebol é aquela em que, primordialmente, ela deva ocupar o lugar de espectadora, mas caso queira contribuir de forma mais ativa com esse esporte direcionado ao público masculino, que ela exerça a posição de objeto do desejo sexual, a ser cobiçado.

Diante dessa lógica, questionamos: desde quando, em nossa sociedade, permeada, como dissemos anteriormente, por valores reacionários e conservadores advindos de nossa cultura patriarcal, uma mulher deve exercer lugar de liderança? Entre um homem e uma mulher, no espaço público de modo geral, a mulher ainda é tida, como um apêndice do

¹⁸ Sugerimos consultar o site www.globoesporte.com do Rio de Janeiro, 05 dez.2007, atualizado em 05/12/2007 – 16h42min.

marido, irmão, pai... Mas quando se trata de dar lugar de visibilidade a mulher, ela precisa ocupar um lugar onde o poder masculino a manipule e subjogue — aliás — esse é o lugar demarcado para que a(s) musa(s) do futebol o ocupem!

Essa relação nos dá pistas sobre o lugar da margem e do centro, como apontamos anteriormente: no centro os homens jogando futebol, lugar considerado seu por “pertencimento e direito”; na margem, as mulheres, especialmente quando elas também tratam de exercer seus interesses e suas possibilidades, inclusive corporais, por exemplo: jogar futebol.

A mesma lógica aparece quando as mulheres resolvem assumir o lugar para o qual foram social e historicamente destinadas (nada de espantos), como quando assumem sua participação em comerciais de cerveja, ou participam de campeonatos para se tornarem musas do futebol ou coisas do gênero.

Fica, então, mais claro identificar o lugar da excentricidade do futebol feminino no Brasil, quando vemos que esse tipo de pensamento sobre essa suposta centralidade aparece. Nela, o homem ocupa o centro de análise e preocupação — logicamente o homem viril, heterossexual. E aquilo que extrapola essa centralidade é exatamente o que vai lhe conferir sustentação: a mulher como expectadora e objeto de desejo; além destas, as mulheres jogadoras de futebol ocupam igualmente o lugar da excentricidade, além da figura do homem gay, que, aliás, não deve surgir nesse cenário com ar de “normalidade”.

Deste modo, estamos buscando demonstrar, com base nos argumentos de LOURO, que se estabelece uma relação em que posicionamentos se definem entre aquele que ocupa o centro, o local da normalidade, da naturalidade, e aquele que se configura como margem. Nesse contexto, e partindo dessa perspectiva, surge a indagação: seria demais afirmar o lugar da marginalidade ocupado pelo futebol feminino no Brasil?

Diante desse questionamento, lembramos que no cenário brasileiro do século passado, de 1941 até 1979, vigorou a Lei 3.199, que impedia a prática de alguns esportes pelas mulheres, mais especificamen-

te àqueles que não privilegiassem sua “natureza”, compreendida como essencialmente maternal e procriadora. Em nossa interpretação, a existência e permanência dessa Lei durante tantos anos, tratou, de modo exemplar, de cercear a liberdade de escolha, não apenas das práticas esportivas pelas mulheres, mas, primordialmente, de limitar possibilidades oferecidas a elas de escolhas, inclusive as que lhes sugeriam perceber e explorar seu próprio corpo, seu desejo próprio, suas possibilidades corporais, seus limites, suas superações — suas identidades plurais.

¹⁹ Essa foto de mulheres, jogadora de futebol a década de 40, consta no site do Guarani Futebol Clube, que sugerimos a consulta para maiores informações: <http://www.guaranifutebofeminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.rk707791872bhtml>. Acesso: 26 ago. 2009 às 10:00 h.

Ou seja, essa é outra circunstância que deixa expressar outras e diferenciadas formas de dominação masculina: uma imposição social à mulher brasileira, que se estabeleceu a partir e sobre seu corpo — essencialmente um lugar de poder que deveria ser absolutamente individual, portanto, um lugar onde o poder também se estabelece, onde cria formas de resistências, superações ou, limitações. Mas corpo esse que, independentemente das diversas formas de dominação, sempre é lócus de possibilidades inúmeras de transgressões.

19



Futebol feminino — esse lugar de ex-cêntridades

Continuando nossas reflexões sobre o futebol feminino brasileiro como local de ex-cêntridades, lembramos das discussões já apresentadas por Geollner: pode a mulher jogar futebol? Sobre essa questão e diante do aspecto biológico, na atualidade, não há dúvidas de que fisicamente a mulher pode desenvolver essa e outras tantas atividades que demandam altos esforços físicos. Mas, quando a questão envolve valores intrínsecos de nossa cultura, esse questionamento ainda ganha contornos preconceituosos. Caso reste dúvidas sobre essa afirmativa, sugerimos outro questionamento: por onde andam as atletas de futebol da geração de 80? Há registros de sua contribuição para a história do esporte nacional? Há, ou houve reconhecimento social por essa contribuição?

No trajeto que buscamos traçar nesse trabalho, para apresentar possibilidades de argumentação que fundamentam e discutem a invisibilidade do futebol feminino no país e sobre seu lugar de ex-centralidade, encontramos, em pesquisas recentes, dados que reforçam nossas reflexões.

No site do Garani Futebol Clube de Campinas, podemos ver exemplos que reforçam a visão conservadora de nossa sociedade quando o assunto é o futebol feminino. Nesse espaço, é possível constatar um número significativo de jogadoras e ex-jogadoras que precisaram sair do Brasil para construir suas carreiras, pois, até o momento, sequer temos um torneio oficial, seja em esfera estadual ou nacional dessa modalidade, embora o futebol seja considerado parte integrante da nossa cultura.

Nesse mesmo site, é possível ver que, nos primórdios do futebol feminino brasileiro, havia inclusive a participação de homens (tra) vestidos de mulheres, integrando os times nos anos de 1913 e, além disso, como consta na referida página:

Nos anos seguintes o esporte chegou a ser exibido em circos (foto acima à direita), como curiosidade, não sendo levado a sério por muitas décadas. Nos anos 40 o esporte foi proibido em vários países, inclusive no Bra-

sil, sob a alegação de ser prejudicial à saúde da mulher. Até os anos 60 o futebol feminino só ganhava destaque no Brasil em partidas beneficentes ou quando praticado por “vedetes” (...). Finalmente, nos anos 70 houve grande evolução da modalidade em alguns países europeus e em 1982 o CND (Conselho Nacional de Desportos) decidiu liberar a prática desse esporte para as mulheres brasileiras²⁰.

Sobre esses fatos, destacamos que a temática abordada no site traz, em seu título, o termo *curiosidades* para falar a respeito da modalidade, mesmo que desde a década de 1990 o referido clube já venha desenvolvendo trabalhos com o futebol feminino. Mas o detalhe mais importante que traz o site é o registro deste esporte e sua prática em circos (como mostra a foto acima), provavelmente nas décadas de 1930 e 1940 no país.

Em 11 de janeiro deste ano, o programa Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão exibiu matéria sobre ex-jogadoras de futebol feminino da cidade de Araguari²¹, interior mineiro. Na época em que ocorreram os jogos (na década de 1960), foi uma verdadeira revolução que ocorrera na cidade, pois todos queriam ver se era possível mulher jogar futebol, o que reforça o caráter ex-cêntrico dessa atividade quando praticada por mulheres.

Continuando nossas buscas em torno dessa modalidade esportiva, estamos agora investigando como se deu essa prática no interior baiano, local onde residimos e que nos chama atenção por se situar no nordeste brasileiro, região do país considerada conservadora e sexista. Atualmente, a investigação ocorre no município de Jequié, cidade a 390 km de Salvador, localizada no sudoeste baiano. Ali encontramos várias situações e épocas em que o futebol feminino aconteceu, além de narrativas de homens e mulheres que fizeram parte de um passado que temos como objetivo estudar, investigar com maior profundidade, visando dar visibilidade a essas histórias.

Até o momento, tivemos conhecimento da existência de diversos times femininos de futebol na cidade, como também em regiões vizinhas, como na

²⁰ Sugerimos consultar o site do Guarani Esporte Clube através do seguinte endereço eletrônico: <http://www.guaranifutebol.feminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.html>. Acesso: 26 ago. 2009 às 10:00 h.

²¹ Essa reportagem, exibida em janeiro de 2009 pôde ser vista no site abaixo, que sugerimos consulta, intitulada “As pioneiras do futebol feminino no Brasil”: <http://video.globo.com/Videos/Busca/0,7959,00.html?t=futebol.feminino>. Acesso: 19 mar. 2009, às 14:30 h.

cidade de Ipiaú, Feira de Santana e Vitória da Conquista, só para citar alguns municípios em que esse fato se deu. O primeiro time feminino de que temos conhecimento surgiu no início da década de 1970 e deu origem a diversos outros que surgiram a partir do final dos anos 70 e se estabeleceram de forma um pouco mais estruturada a partir da década de 80. Atualmente, existem vários times de futebol na cidade de Jequié, mas poucas pessoas sabem como começou, quais foram os atores e atrizes sociais que iniciaram essa história, especialmente naquele período, com sabor de curiosidade, de ex-centricidade, como demonstra a foto abaixo²².

Começamos a viajar por esse caminho cheio de surpresas e emoções. Quando iniciamos o contato com as ex-jogadoras, foi realmente uma surpresa para elas que alguém pudesse ter se interessado por esse assunto. Já nas entrevistas, podemos verificar como esse momento foi importante na vida dessas mulheres, sugerindo ser aquele um espaço de reforço e construção de identidades e podemos também

²² A foto trás no centro a ex-jogadora de futebol Maria Neide S. Sampaio, acompanhada de duas amigas, nos anos de 1970 na cidade de Jequié (BA), local no qual continuou residindo. Neide atualmente é funcionária pública municipal e ativa dirigente sindical, integrando a direção do SINDISMUJE (Sindicato dos Servidores Públicos da Prefeitura Municipal de Jequié).



perceber que categorias como classe e raça/etnia estão presentes nessa história do futebol feminino brasileiro.

Um detalhe que nos chamou atenção foi o fato de que, nas décadas em que elas atuaram jogando, entre 1970 e 1980, não se sabia da existência de outras meninas ou mulheres “jogando bola” no país e, naquele período, na Bahia, aconteceram campeonatos estaduais com a participação de várias seleções municipais. Pelos depoimentos, o público era atraído para ver aquelas mulheres jogando, coisa que motivava a participação de espectadores pela novidade pela curiosidade que cercava aquele universo que rompia, a partir daquele momento, com o universo masculino, passando a ser percebido, talvez, de modo mais democrático.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de não terem sido preservadas fotos e registros dos jogos, reuniões, encontros entre as jogadoras, talvez porque nem elas tivessem noção da história que começavam a escrever no interior baiano. É válido registrar a importância da participação e colaboração dos irmãos, namorados, pais e mães das atletas para que tudo acontecesse, como nas reuniões aos domingos em que as feijoadas eram feitas e vendidas para angariar dinheiro para ajudar a financiar os times “das meninas”. Essas e outras histórias que aqui apenas começamos a investigar fazem parte de um passado ainda presente no imaginário de mulheres e homens que ousaram compor esse universo de diversidades. Essas mesmas histórias podem constituir momentos em que conceitos sobre o que é ser um homem ou ser uma mulher, puderam ser revistos. Mas, principalmente, a afirmação dessas identidades e subjetividades femininas através do futebol provavelmente ajudaram a provocar questionamentos sobre as possibilidades do ser mulher socialmente, especialmente, para aquela geração.

É importante observar que histórias como essas existiram e existem, permanecendo na contramão de um processo social questionador da ideia de linearidade que ainda marca a percepção que temos de nossa história, como se ela fosse possível sem conflitos e contradições. A perspectiva apresentada por

LOURO, quando nos fala da presença de uma margem e que, portanto, pressupõe um centro, fala-nos ao mesmo tempo de uma norma, de um ponto de partida que igualmente pressupõe que tudo o que se distancia desse centro é colocado como fora de foco, ou seja: fora de uma suposta “normalidade”.

Mas outro aspecto precisa ainda ser valorizado quando observamos essa centralidade e ex-centralidade: é da relação entre esse centro e essa margem, ou seja, aquele das relações possíveis, decorrentes desses locais sociais. Não é possível haver apenas centralidades, a não ser se considerarmos que o corpo social é um espaço sem dinamicidade. É preciso falar, então, dos caminhos e das possibilidades que existem quando se estabelecem movimentos entre esse suposto centro e suas margens, suas periferias.

Nessa oportunidade, lembramos das palavras de RAGO²³, quando sugere que mesmo diante das imposições e dominações sócio-culturais e históricas, os sujeitos são capazes de rever seu lugar social e redefinir posicionamentos e atitudes:

(...) compreende-se que está presente nessa discussão a possibilidade de as pessoas, no cotidiano da experiência vivida, escaparem aos micropoderes, assumirem diferentes formas de resistência e formarem ativamente distintas e singulares trajetórias de vida (...). Essas noções são importantes para a historiografia (...) e propiciam apreender o sujeito como identidade fixa ou indivíduo dado, pronto e acabado; mas sim como “resultado” de um processo — e que, portanto, se estende no tempo. Além do que esses processos de subjetivação, evidentemente, são inseparáveis das transformações mais gerais, bem como das mais miúdas, de uma sociedade e de uma cultura espacial e temporalmente contextualizadas.

Compreendemos que formas distintas e complexas de opressão estão presentes nos diversos espaços nos quais as relações sociais e humanas são construídas. Entretanto, não podemos deixar de observar que as diversidades ou pluralidades inerentes aos sujeitos também estão presentes no corpo

²³ Nossa compreensão vai ao encontro das noções que RAGO apresenta em seu livro que sugerimos para consulta: *Outras falas – feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007. 274 p. 61.

social, gerando conflitos, contradições, questionamentos sobre o cotidiano e sobre seus próprios processos identitários.

Assim, quando falamos sobre esses *diferentes corpos*, não queremos perder de vista suas possibilidades de gerarem neles e — a partir deles — novas possibilidades de ver e de ser no mundo, seja questionando não somente normas como aquelas que definem a feminilidade, mas, fundamentalmente, aquilo que vem a ser uma mulher, suas atitudes, possibilidades e limites diante do que a própria RAGO considera como “cárcere social”, diante de um tempo e de um espaço igualmente em constante transformação.

Conclusões iniciais

Acreditamos que um “novo” e fértil espaço de investigação começa a ser alvo de interesse de diversos pesquisadores/as nas mais diversas áreas do conhecimento: aquele das práticas e atividades corporais ditas masculinas praticadas por mulheres (e aqui não estamos nos referindo apenas as práticas esportivas). O aprofundamento dessas práticas investigativas nos trazem possibilidades de descortinar vidas de mulheres que a história não registrou, mas vidas que ajudaram a contar e recriar nossa própria história num plural de diversidades e subjetividades, inerentes a esses: *diferentes corpos*.

Nesse contexto, discutir a história do futebol feminino em nosso país, portanto, é um desafio não apenas por percebermos que um profundo resgate de histórias cotidianas precisa ser realizado, histórias que sucumbiram ao esquecimento e a uma invisibilidade que lhes foram impostas, mas também estarmos tratando de memórias que trazem luz a temas e pessoas consideradas “desviantes” e questionadoras de normas e padrões sociais, ou seja, sujeitos ex-cêntricos. Esse desafio ganha outra dimensão quando percebemos que precisamos colocar em lugar de destaque histórias cotidianas que tratam de modo genérico, de nossas próprias histórias enquanto um corpo social perpassado por valores conflitantes, sobreviventes e presentes numa dina-

micidade mutante, inerente a pluralidades e subjetividades, enquanto característica humana, que por si só é pulsante.

Referências

ADELMAN, Mirian. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. In: *III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades – Fórum Internacional*, setembro de 2004. 239 p.

DEVIDE, Fabiano. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Unijuí, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995. 262 p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: Carrano, Paulo César (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. 155p.

KNIJNIK, Jorge Dorfman & VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. *Com a cabeça na ponta da chuteira – ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo, Annablume/Ceppes, 2003. 132 p.

LOURO, Guarcira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 192 p.

MORAES, Enny Vieira. Uma história parcial do futebol; ou: não existe futebol feminino no Brasil? *Recorde: Revista de História do Esporte*. Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer e Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS/UFRJ. v. 2, n. 1, jun. 2009. Disponível em: www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde

MOURÃO, Ludmila. SOUZA, Gabriela C.: Narrativas sobre o Sul-Americano de judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. In: Goellner & Jaeger (Org.). *Garrimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. 2. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007. 160 p.

PERROT, Michelle: *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.190 p.

RAGO, Elisabeth J. *Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007. 274 p.

ROMERO, Elaine. A Hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. *III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades – Fórum Internacional*, setembro de 2004.

<http://www.globoesporte.com>, Rio de Janeiro, de 05 dez. 2007, atualizado em 05/12/2007 – 16:42 h.

<http://www.guaranifutebofeminino.hpg.ig.com.br/curiosidades.html>, Acesso: 26 Ago. 2009 – às 10:00 h.

<http://video.globo.com/Videos/Busca/0,7959,00.html?t=futebofeminino>. Acesso: 17 Mar. 2009 – às 10:23 h.

http://search.gazetaesportiva.net/historia/seculo/natacao/nat_dawn.htm, Acesso: jun. e jul. 2009

<http://www.google.com.br/search?q=Dawn+Freser+fotos&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a>, Acesso: jun. e set. 2009 – às 11: 25 h.